

MARIO SOBRAL



HA UMA GOTA DE SANGUE
EM CADA POEMA

SÃO PAULO
POCAI & COMP.
MCMXVII

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Para a senhorinha
Conceição Barceloso
of. o autor

Mário de Sá e Godoy **MARIO SOBRAL**
717 - 18 de Agosto

**HA UMA GOTA DE SANGUE
EM CADA POEMA**

SÃO PAULO
FOCAL & COMP.
MCMXVII



Biografia

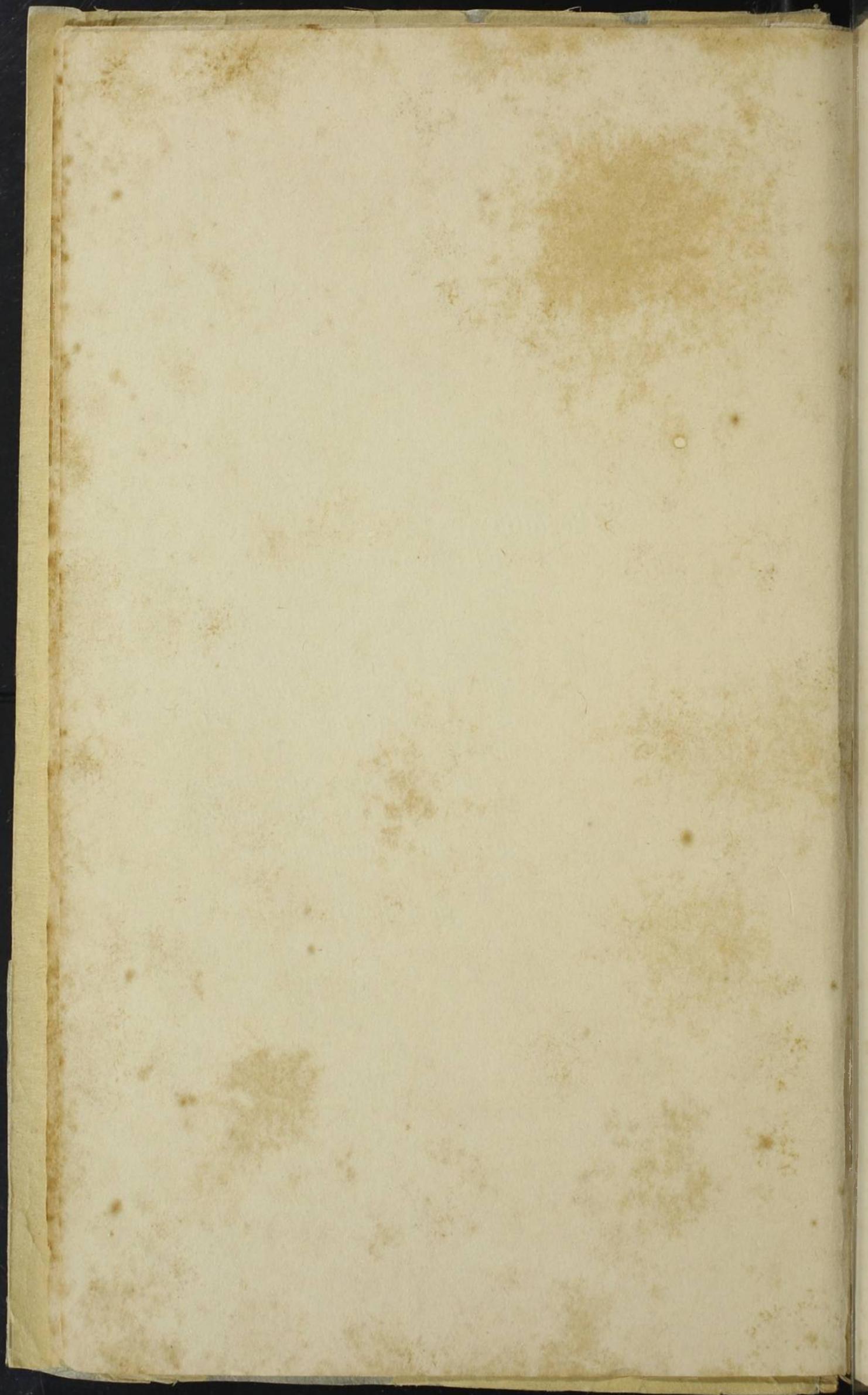
São Paulo o viu primeiro.

Foi em 93.

Nasceu, acompanhado daquela estragosa sensibilidade que deprime os seres e prejudica as existências, medroso e humilde.

E, para a publicação destes poemas, sentiu-se mais medroso e mais humilde, que ao nascer.

Abril de 917.



Prefácio

Perdão. — Também, no mato, se depara
guarantam que tombou, no último esmáio,
porquê, vencido á chuva, o estraçalhara
—Police verso!—o gládio irial do ráio...

Tombou entre os cipós. E, quando Máio
sôbre o exício medonho se escancara,
vê que o recobre o riso novo e gáio
das trepadeiras e da manhã clara.

—Por sôbre o torso lívido e canhestro
da Europa em ruina vem tambem agora
brilhar, de manso, o Máio em Sol dum estro:

deixai, floresçam, nos seus tons diversos,
as rosas matutinas desta flora.
a primavera dêstes simples versos!

* *
*



Exaltação da Paz

O' paz, divina geratriz do riso,
chegai! O' doce paz, ó meiga paz,
sócia eterna de todos os progressos,
estendei vosso manto puro e liso
por sôbre a Terra, que se esfaz!

O' suave paz, grandiosa e linda,
chegai! Ponde, por sôbre os trágicos successos,
dos infelizes que se degladiam,
vossa varinha de condão!
Tudo se apague! êste ódio. esta cólera infinda!
Fujam os ventos maus, que ora esfuziam;
que se vos ouça a voz, não o canhão!
O' suave paz, ó meiga paz!...

O Sol, nas arraiadas calmas,
brilhara sôbre montes, sôbre vales,
sôbre inconsciências de campônios,
sôbre paisagens de Corot;
havia beijos mômnicos de favônios,
e aos altos montes e nos fundos vales
os galhos eram compassivas almas,
dando sombras no prado e frescura nas fontes...
— Hoje, por vales e por montes,
tudo mudou.

Tudo mudou!... Atra estralada de bombardas
em sanha, um clangorar de márcios trons reboando,
tempestades terrestres estrondeando,
tiritir, sibilar, zimir miudo de balas
caindo sôbre absconsas valas,
corriscos, raios levantando-se de covas,
batalhões infernais em soturnas atoardas,
clarins gritando, baionetas scintilando,
bramidos, golpes, ais. suspiros, estertores...

Que é dos outonos de húmidos calores?
que é das colheitas novas?...

Onde as foices brilhando ao Sol?
onde as tardes de rouxinol?
onde as cantigas? onde as camponesas?
onde os bois nas charruas?
onde as aldeias de sonoras ruas?
onde os caminhos com arvoredos e framboezas?
Tudo mudou!

gira na Terra
o tripúdio satânico da guerra.

Porquê? — Si o mundo é bom, a vida boa;
si a luz é para todos, si as campinas
dão para todos:
porquê viver, lutando atoa?...

Insultos, cóleras, apodos,
a carniçal volúpia das chacinas,
os ódios que se batem,
as mil raivas que se combatem,
Alsácias vergastadas,
heróicas Bêlgicas dilaceradas,
Lièges desfiguradas,
sânie, ruina, infinitas sepulturas,
desvairando matar, hecatombes monstruosas...
E de nenhuma parte um beijo de perdão!

Vão para a guerra, desdenhando-lhe as agruras,
todos vestidos de coragens ambiciosas:
e acaso alguém terá razão?...

Muito mais ter razão é conduzir as gentes
pêlo caminho bom das alegrias:
sem, com os exércitos ingentes,
acordar os conuales e as vertentes,
e os ecos virginais das serranias.

...Provocar nas cidades, nas aldeias,
as guerras sacrossantas dos trabalhos;
distribuir pêlos povos
trigos e livros a mancheias;
honrar, com outros novos,
os monumentos velhos e grisalhos...

...Derramar a verdade em cada casa;
dar-lhe um livro, que é fôrça; educação, que é uma asa;
por-lhe á janela as flores caprichosas,
por-lhe a fartura no limiar;
e sôbre ela fazer desabrochar
o riso, como desabrocham rosas...

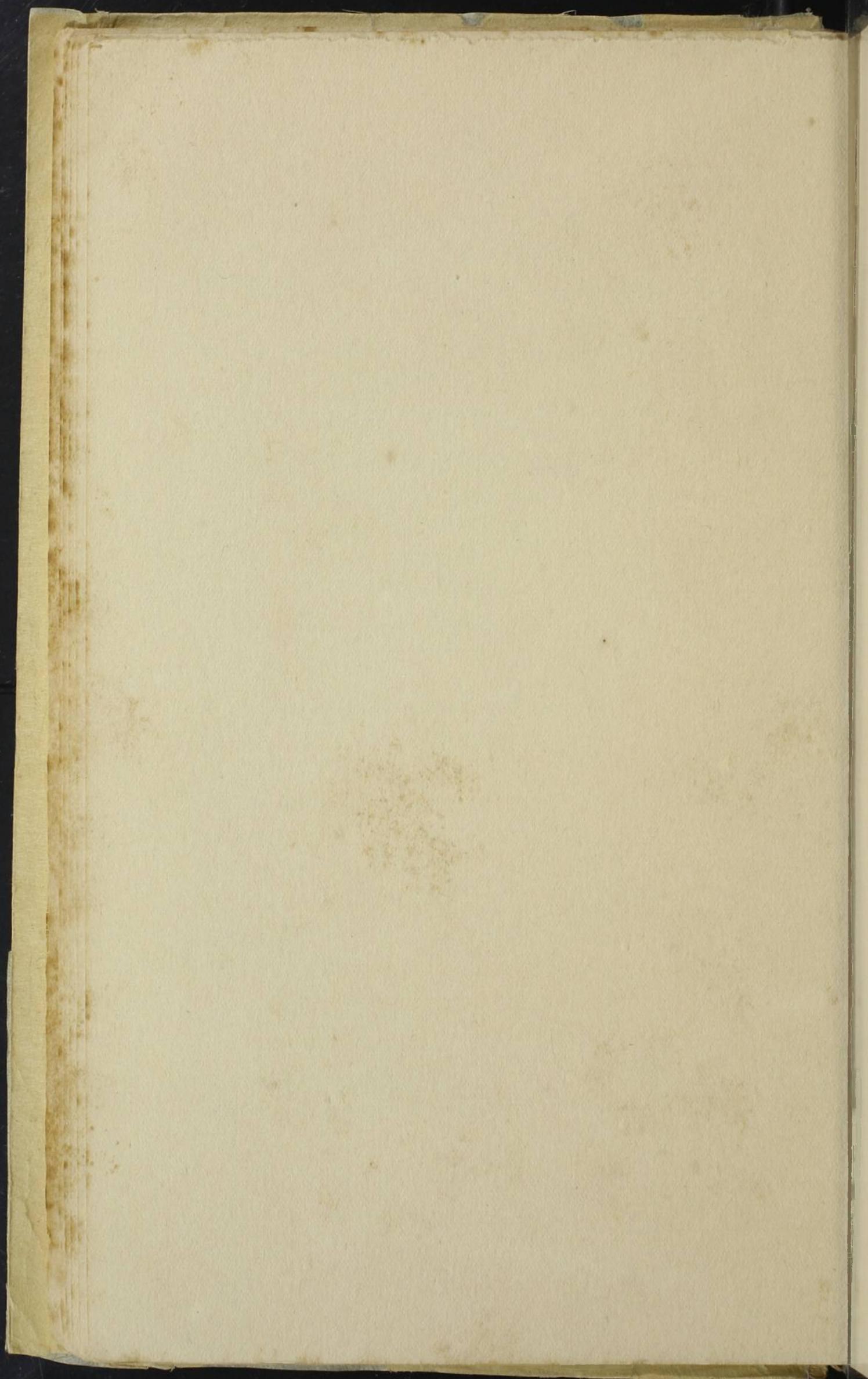
Ter razão é levar pêlo atalho da fé.
E' as greis humanas, pêla primavera,
quando a terra toda é
florida como uma quimera,
conduzir para a luz, para a alegria,
para tudo que é róseo e que é risonho,
para tudo que é poema ou sinfonia,
para o arrebol, para a esperança, para o sonho!...

O' doce paz, ó meiga paz!...
Vinde divina geratriz do riso;
estendei vosso manto puro e liso
por sôbre a Terra que se esfaz!

E novamente os povos sossegados,
mais felizes alfim, menos incréus,
envolvereis, ó paz imensa!

—De novo os cantos rolarão nos prados;
e os homens todos rezarão aos céus,
numa ressurreição da esperança e da crença!







Inverno

O vento reza um cantochão...

Meio-dia. Um crepúsculo indeciso
gira, desde manhã, na paisagem funesta...

De noite tempestuou
chuva de neve e de granizo...

Agora, calma e paz. Sòmente o vento
continua com seu oou...

Destacando-se na brancura,
os últimos pinheiros da floresta.
ao vendaval pesado e lasso,
como que vão partir em debandada:
parece cada qual, com a cabeça dobrada,
uma interrogação arrojada no espaço.

O vento rosna um fabordão...

Qual um mármore plano de moimento,
silenciou o caminho. E' a sepultura,
profana, sem unção,
onde, com a última violeta,
jaz a franca alegria do verão...

Ha ventania, mas
ha solidão e paz.
Ninguem. Os derradeiros pios
voaram de manhãzinha; mas em breve
sepultaram-se sob a neve,
mudos e frios.
Tudo alvo... apenas a tristeza preta,
e o vento com seus roncões...
Ninguem.
— Alguem!
Olha, junto dos troncos,
um reflexo de baioneta!...



Epitalâmio

E' sempre assim. De manhãzinha, braço dado,
nos jardins claros do hospital,
êle mancando, a ela apoiado,
silenciosos, lado a lado,
dão o passeio matinal.

E, vagorosamente, se entranhando
no perfume vermelho da manhã,
ela vem triste, como que sonhando,
— ela, que é sã —
e êle, — o ferido — traz sorrisos francos,
vem assobiando entre seus lábios brancos
uma valsa alemã...

E no fundo do parque redoiente,
onde tudo é perfume e som,
sentam-se e dizem, já maquinalmente:
“Êtes vous las?” — “Oh! non!”

Então êle, com sua voz quebrada,
vendo o Sol que no longe aponta,
entrando sorrateiro sob a touca,
brincar entre os cabelos brunos dela,
pêla décima vez conta e reconta
como o prenderam e feriram pêla
tardinha, ao proteger a retirada
dos seus soldados.

Ela, dedos febris entrelaçados,
bebe o reconto que lhe sai da boca.

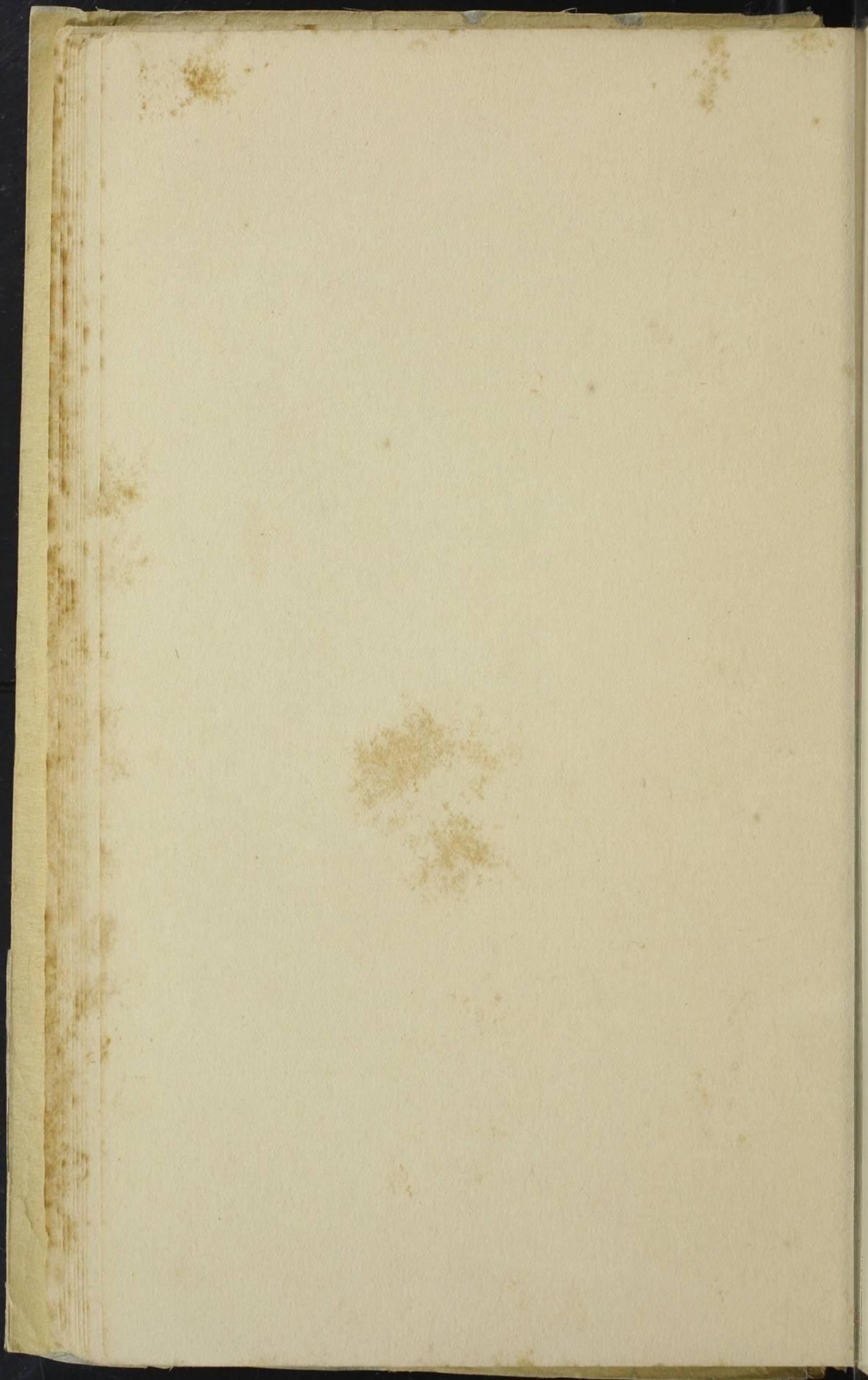
È êle lembrando, sem vanglória, o heroismo
que praticou, a vê chorar...
Então se arrasta para junto dela,
pergunta-lhe a razão do seu mutismo,
pede-lhe as mãos para beijar...

— “Porquoi pleures tu?” — “Moi!” — “Mais oui!...”
È no seu colo se debruça,
cola-lhe a boca ás mãos; e enquanto êle soluça,
agora, ela sorri.

E' sempre assim...

Mas ao voltar, vem resplendendo
nela o beijo nas mãos, nêle a esperança...
Voltam pêlos meandros do jardim,
e ela vem rubra, que êle vem dizendo
quanto achava lindas as manhãs de França...







Refrão de Obús

Partir pêlo ar, atravessar girando
o ambiente perfumado do verão
Sentir o vento novo e brando ;
no ímpeto da carreira,
perfumar-se e abrandar-se á viração!...

Partir, com o íntimo esforço, velozmente :
ver na campina a última leira,
rasgada pêlo último arado,
aberta a boca mansa, esperar a semente!...

Partir, ouvindo os passarinhos,
que despertara a cotovia,
musicar, lado a lado,
o êxtase florescido dos caminhos!...

O! como é bom partir, subindo!...
Sob a palpação da madrugada fria,
à ovação triunfal do dia infante e lindo
ó! como é bom partir subindo!...
Partir, alimentando um desejo de escol;
partir, subindo pelo espaço para o Sol!...

Mas na suprema glória de subir,
sentir
que as fôrças vão faltar :
e retornar de novo para a Terra;
e servir de instrumento numa guerra;
e rebentar,
e assassinar!...

Primavera

Fôra desmantelado,
quando, golfando pêla fauce aberta
o atestado dos órfãos e das viúvas,
um grande obús lhe rebentara ao lado...

No modesto recanto do jardim
da aldeia miserável e deserta,
na sua herança má de mudo e eterno,
extático e sem fim,
viu, no outono, morrer o Sol das chuvas,
entrajou-se de neve em pleno inverno;
e agora, á sussurrante primavera
mostra no beíço o riso do jasmim...

Converteu-se. Sorriu á natureza;
perdoou a rabujice ao vento sul;
e, no êxtase imortal — Santa Tereza
da primavera — êle olha esperançosamente,
essa visão seráfica e esplendente,
a claridade mágica do azul...

Na culatra soaberta, onde altos estampidos
gerara a bala estrepitosa e fera,
fizeram ninho as andorinhas...
Culatra! — geradora de gemidos,
geradora de implumes avezinhas!...

Cobre-lhe uma roseira o desnudo cinismo.
Tem a bençâm do luar, nas noites perfumosas.
Vem ungil-o ás manhãs o Sol de Abril.
E o canhão convertido, odorante e gentil,
na imota unção de seu catolicismo,
ouve o «Te Deum» das abelhas sôbre as rosas...



Espasmo

Êle morre. E tam só! Move-se e chama.
Quer chamar: sai-lhe a voz quasi sumida;
e pêlo esforço, sôbre o chão de grama
jorra mais sangue da ferida...

Vai morrer... Angustiado, a noite inteira,
— noite encantada dum estio morno —
viu o tempo seguir entre as horas caladas;
nem percebeu a Lua cálida e trigueira,
com mil clarões afuzilando em tôrno;
e o broche colossal das estrêlas douradas!

Olha agora. A alvorada
começa de brilhar nos longes glabros.
Perto, galhos de arbustos sonolentos,
onde a luz se dissolve na orvallhada,
são como verdes candelabros,
confortando-lhe os últimos momentos...

Estira os braços... Os odores,
em revoada puríssima e louçã,
sobem, cantantes, multicores,
cheios da força nova da manhã...

Êle pudera ouvir, caindo,
quando o estilhaço lhe rasgara o abdômem,
as joviais ovações dos seus soldados.
e, na fugida, os inimigos dizimados,
e os seus, em fúria, os perseguindo...
— E não restara um homem.

Depois, reviu os seus, a procural-o,
— altos lamentos pêla noite clara...
Por pouco o não pisara
a pata dum cavalo!
Quis gritar, mas não pode. E, único gesto
que abriu, foi um desfiar de lágrimas, silente;
e, olhos febris, rosto congesto,
viu seus hulanos
partirem tristes, tristemente...

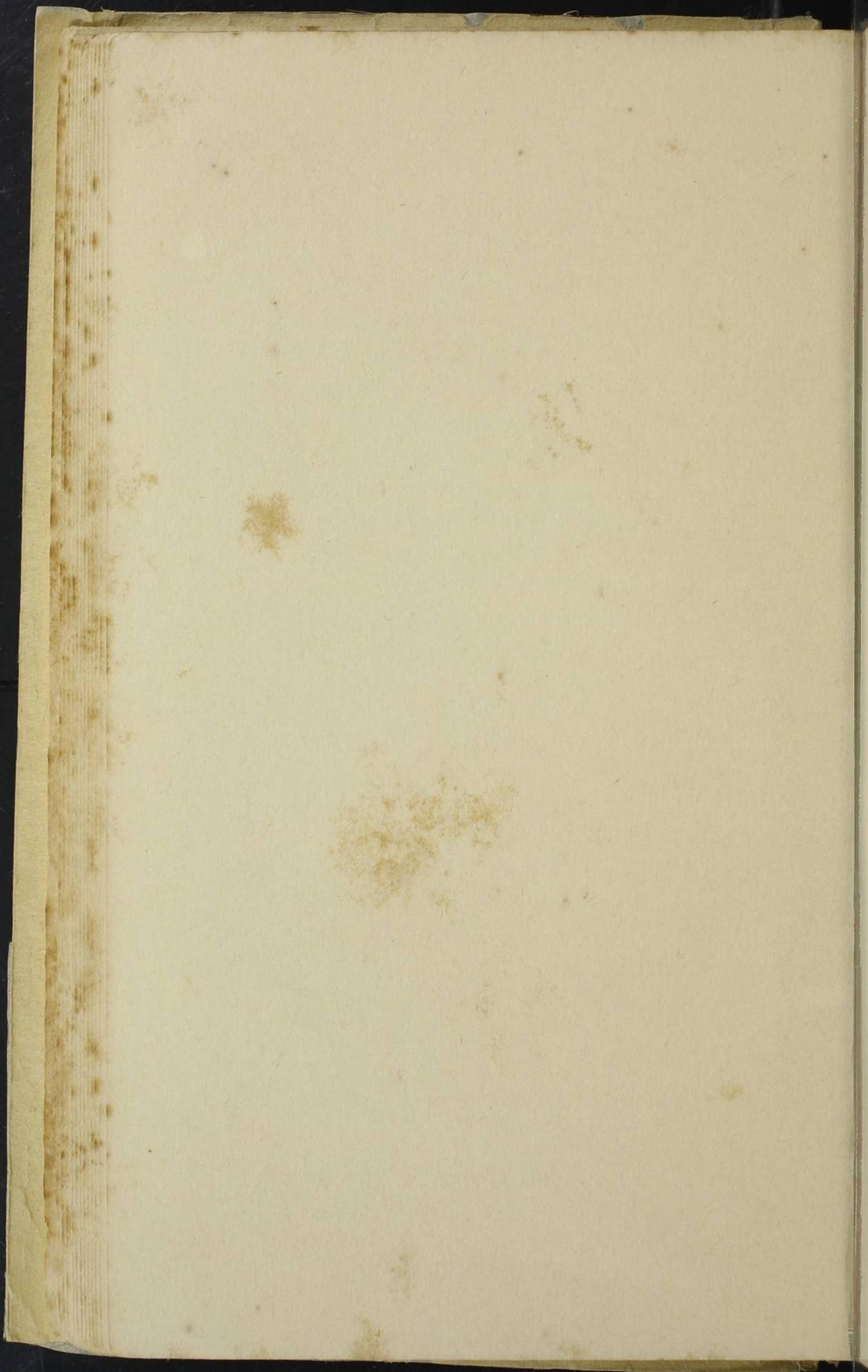
E os passarinhos riem desumanos...
Sobem aos ares os primeiros linos,
num triunfal e transbordante surto;
e em cima dêle, com seus pios cristalinos,
libra uma cotovia o vôo curto...

Vai expirar. Já, numa ardência louca,
sente a sêde da febre que o acabrunha...
Vai expirar... Mas só o estio o testemunha,
e a abelha matinal que lhe zumbe na boca...

E Gretchen? a rosada companheira
de dez meses apenas! e o filhinho
que está para nascer por êsses dias?...
— Tantas quenturas de lareira!
tanto aconchêgo de seu ninho!
tanto amor! tantas alegrias!...

Principiavam ao longe os roncoss e os estouros...
Vincou desoladoramente a frente.
Morreu sòzinho. Mas o Sol, lá do horisonte,
pôs o espasmo da luz nos seus cabelos louros.





Guilherme



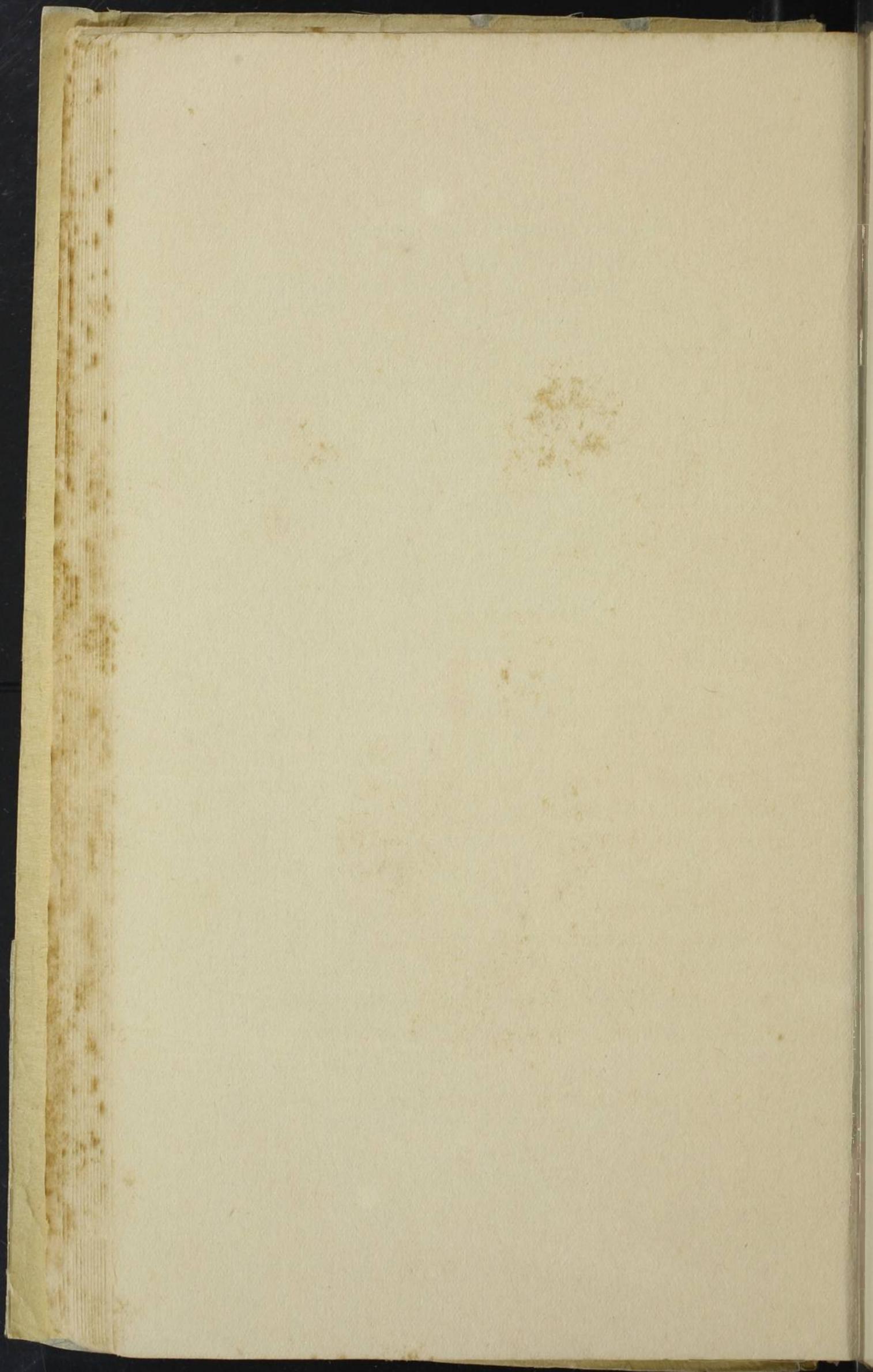
Ser feliz é ser grande. Imenso de alma,
inda que o corpo se lhe dobre...
E' alcançar a região etéria e calma,
onde a alma viva enfim, nua e desimpedida...
Indiferentemente
ou sendo rico, ou sendo pobre,
ser feliz é encontrar no fim da vida,
de torna-viagem para a povoação,
a inflexível consciência, e encaral-a de frente:
e ajoelhar para a coroação.

Ser grande é ser bom. Justo
na maneira de agir e no discernimento...
Não é apenas plagiar Alexandre ou Augusto,
sem que de glória e honras se farte:
antes é mitigar o humano sofrimento,
e ter o bem como estandarte.
Ser grande é compartilhar o choro largo
do mundo; agindo de tal forma,
a deixar para o fraco uma lei e uma norma,
e um beijo doce em cada lábio amargo...
E' pêla fôrça real das sábias energias,
apagar o sarcasmo e as ironias...
E', pêlo amôr que aleita e orvalha,
e pêlo gênio cálido e eficaz
por sôbre a inveja uma eternal mortalha,
e erguer, sôbre a mortalha, a figura da paz.

E, não pensando em si, dar a felicidade,
— conhecendo que a glória apenas dura
o quarto-de-hora desta vida,
no minuto sem fim da eternidade —
desdenhar para si toda ventura;
desatullhar a estrada interrompida;
e, sem baquear na faina um só instante,
para que o povo passe adeante
terraplenar os Pireneus e o Jura:
é ter a luz e compreender a luz,
é ser bom finalmente, é ser Jesus!...

— Mas o pior dos homens dêste mundo,
o menor, o mais triste, o mais mesquinho,
deve de ser o homem que andando seu caminho,
é infecundo no espírito, e fecundo
só nos desvaios e erros que pratica;
deve de ser o homem que andando seu caminho,
faz desgraçado quem se lhe aproxima;
e á própria caravana, inumerável, rica,
faz tomal-o por Deus. e a enlouquece e dizima...
Infeliz! Pensa em luz, e engendra escuridades;
quer replantar o bem, o mal deita raizes!...
— Certo: é a maior das infelicidades
fazer dos outros homens infelizes.





Devastação



Já foi aquí a civilização.
Brilhou a luz. Cantou a fé. Riu o trabalho.
— Mas no rebanho ha-de haver sempre algum tresmalho:
tresmalhou a afeição;
e veiu a derrocada.

Seguindo os largos rios nos seus cursos,
nas faldas da cadeia abruta e torturada,
junto ao primeiro roble secular,
muito antes, tinham vindo os homens se agrupar,
na defeza comum contra as renas e os ursos.

—E a esperança brilhou, como sempre, a primeira.

Conseguiram vencer. O último urso brama,
e rebenta-lhe o crâneo o machado de pedra...
Já pascem, junto ao lar, domesticadas renas;
o homem pensa em plantar, e o terreno se redra...
Enfim, na encantação de amplas tardes serenas,
— canta no alqueive o rouxinol, a terra cheira —
ao convívio do bem-estar,
o homem pode mirar a companheira
e coloca-la num andor...
É quando, pelas manhãs claras,
avoaçou a calhandra sôbre as searas,
houve searas também, plantadas pêlo amor.

— E o amor brilhou em cada lar.

Pêlo trabalho, pêlo engenho o homem procura
fortificar então sua ventura.
E' só lançar a mão: e mais, e mais,
grassa na concha dos convaes calmos
a poesia alourada dos trigais...
...É só lançar a voz: e sôbre o monte,
e sôbre o vale, e no horisonte,
e em toda parte lhe respondem outras vozes...
Sobem os fumos pêlo céu — que ao fogo
já se derretem os metais —
já se não temem animais ferozes;
tudo é progresso!... Então, reunidos no sopé
da cadeia, a cantar, como em glórias e salmos,
soltam aos ares o primeiro rôgo...

— E rebrilhou a fé.

Crea-se o livro. Os homens pensam.
Pensam e agitam-se em tumulto.
Por sôbre os seus trabalhos paira a benção:
e todos os trabalhos tomam vulto;
O saber suspicaz penetra o alto segrêdo
da vida. E' tudo um labutar de sciência
O homem afoita-se, descobre, perde o medo...

— E brilha, altiva e forte, a inteligência.

E êle atinge afinal o cume do Jungfrau.
Olha em redor e vê, na campina tamanha,
uma herança que é sua e que se perde alem:
e tem um pensamento mau.
Êle atingiu o cume da montanha!
Só êle é grande, mais ninguem!
Cogita, e se entremeia em labirintos
de sofismas agudos; e, infeliz!
diz tudo o que não pensa ou que não sente,
mas o que sente ou pensa nunca diz.
Construi teorias, alevanta em plintos
novo ideal, que lhe é Deus; e, indiferente
encara o mundo e nada o maravilha...

— E o orgulho máximo e insensato, brilha.

Vem a rivalidade, a traição, a mentira,
o exagêro da glória, a negação da falta;
Caim mata de novo Abel, — mas por mais alta
que sobressaia a eterna voz,
aos seus ouvidos não ha voz que fira! —
Mesmo os Abeis tornaram-se Cains;
e os homens todos, na avareza atroz,
ganiram, defendendo os bens, como mastins...

A afeição tresmalhou. E no estêrco fecundo
de mil invejas e ambições, abrolha
a flôr de púrpura da guerra... E o mundo
todo, a tremer nos seus arcanos olha.

Nêsse ponto do globo, onde o passado
viu continuar, em surto resplendente,
as civilizações do antigo oriente,
nas águas batismais das energias novas,
tudo é um imenso plaino devastado!
O homem voltou ao seu estado primitivo:
blasfema, odeia, trai, e sepulta-se vivo
em trincheiras, sinistras como covas...

Cruza os espaços, rebentando, atroa
a cólera do obús;
e no arruido, no choque e na fumaça,
a civilização perde a coroa,
e treme, e foge, e tomba e se espedaça,
desertando da grande luz!...

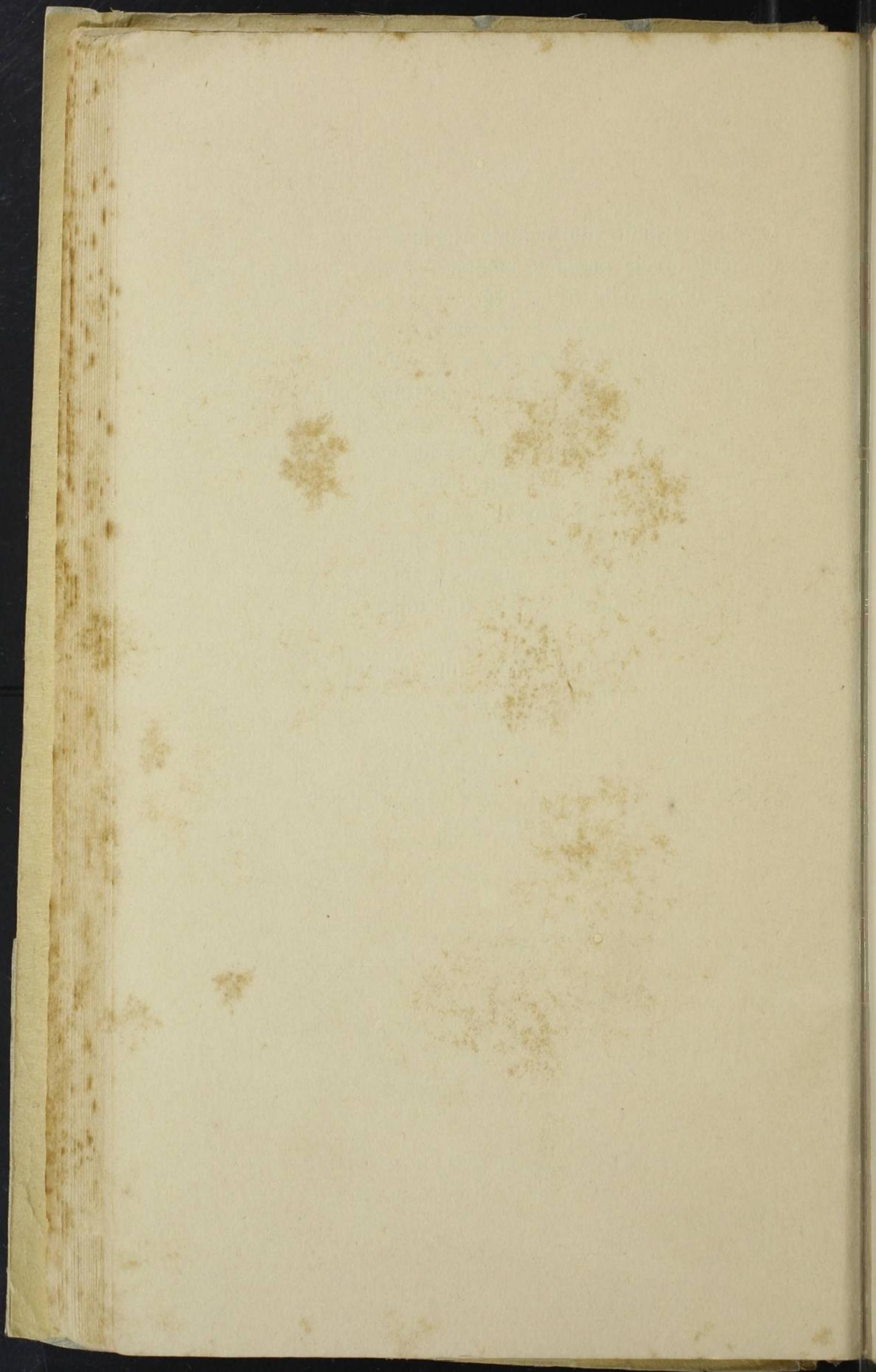
.

Deante de tanto mal e tanta ruina,
de tanta inveja parda e estulta,
deante dêsse ódio frio e crú,
pálida, imóvel, trágica e divina,
sôbre a devastação que cresce e avulta,
surgiu a minha dôr, como um mármore nú.

Surgiu, cresceu, e. imensamente branca,
com o branco triste dos enfermos,
na compunção atroz do seu sofrer,
a minha dor sem lágrimas, nos ermos
onde o último eco dos canhões estanca,
gelou o íntimo gesto e nada quis dizer.

Apenas, a sorrir, num sorriso que punge,
palida, imóvel, trágica e divina,
olha sem ver para a devastação...
A esperança talvez lhe santifica e unge
o olhar, mas o sorriso, o sorriso que a mina,
traí o penoso fel duma desilusão.







Natal

Natal... Hora de sinos badalando,
de neve branquecendo pinheirais;
hora de pés de criancinhas arrastando
pêla brancura lisa do caminho;
hora do cândido velhinho...

— Em Reims, os sinos não badalam mais!

A neve, sempre a mesma,
cai, continua de cair; e o vento
— Bruscas rajadas brancas — se desfralda,
como túnica de avantesma,
rasgando-se á desmantelada espalda
do grande, velho monumento...

— Em Reims, os sinos não badalam mais!

Pêlas ruas escurecidas
andam caladamente os grupos uniformes...
Não tem mais galas o natal! apenas
no trabalhar dos hospitais,
tratam da cura de feridas
de hediondas chagas e lesões enormes,
alvas mulheres silenciosas e serenas...

Natal... Mas não ha luzes nas capelas!...
Nem pratas de lavrados castiçais
onde luziluzam as velas!...

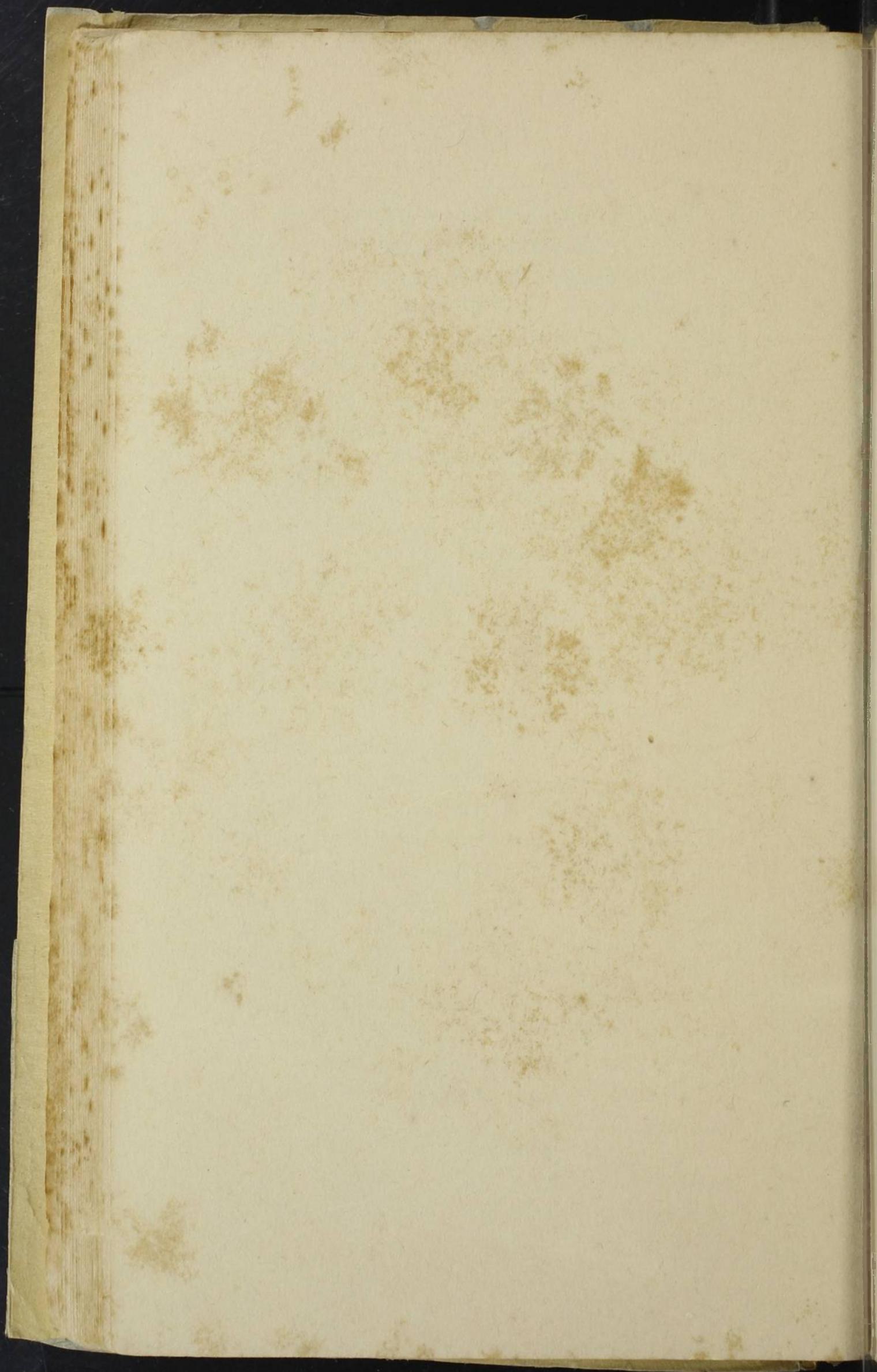
Natal... Mas não ha longas espirais
de incenso, a se enroscar pêlos altares!...
No colo virgem de Maria,
junto dos anjos tutelares,
rindo, estendendo seus bracinhos nús,
nem se lembraram — quem se lembraria! —
nem se lembraram de repor Jesus!...

— Em Reims, os sinos não badalam mais!

Num silêncio de múmia, brancacenta,
a noite corre... Batem doze badaladas.
Onde estão as canções desabaladas
dos sinos gárrulos?... — Friorenta,
a grande catedral emudeceu:
e para ela a alegria dos natais,
toda a alegria dos natais morreu!...

— Em Reims, os sinos não badalam mais!...







Lovaina

Abriam-se inda no ar alguns obuses,
como flocos de paina ;
e, ao barulhar bramante do barulho,
tectos tombavam, e brotavam luzes,
onde fôra Lovaina...

— Mas no meio do entulho,
nas avenidas e nas alamedas
tresloucadas, sem rumo,
onde ladrava, sob o fumo,
a cainçalia das labaredas;
mas pêlas vastas praças atupidas
de destroços heris de monumentos;
nas ruas de comércio, onde mil vidas
jaziam, envolvidas
na mortalha dos desmoronamentos;
mas nos palácios, nas mansardas,
nos esqueletos das habitações,
nas escolas estraçalhadas,
nos átrios, nos terraços, nas escadas,
no torvelim dos mortos e das fardas,
na boca muda dos canhões,
naquele hediondo incêndio triunfal:
não calculei ao desastroso mal
toda a incomensurável extensão!
Não vi o exício duma grei humana,
o destino infeliz duma raça espartana,
o fim terrível duma geração!
Si houve crime nefando,
não lhe medi a imensidade:
só, dentre as ruiuas da universidade,
eu vi os grandes livros fumegando!



Os Carnívoros

Quando a paz vier de novo, nova e franca,
passar nestas estradas e caminhos,
novas aves talvez e novos ninhos
hão-de agitar-se pêla manhã branca...

Novos ventos virão da serra,
húmidos, rindo-se, esfusiar no prado;
e novamente, regoando a terra,
ir-se ha, rangindo, o arado...

Pouco tempo depois, pêla estrada, os viandantes
verão, cobrindo os campos marginais,
os brocados trementes, ampliondeantes,
as roupagens custosas dos trigais...

Virão novas colheitas,
virão risadas a remir fadigas,
virão manhãs de acordar cedo.
virão as tardes feitas
de conversas á sombra do arvoredos,
virão as noites de bailados e cantigas!...

Toda a população ir-se lia nos vales
colher o trigo novo e lourejante:
e, na pressa afanosa, bem distante
lhe passará da idea tanta luta,
tantos passados males!

Pêlo campo ceiiado, á Avè-Maria,
na tarde enxuta
e fria,
enquanto o vento remurmura, meigo e brandos,
mulheres de Milliet, robustas e curvadas,
irão glanando, irão gianando...

Tudo será colheita e riso. — Então,
depois de tantas fomes e misérias,
de tantas alegrias apagadas,
de tantas raivas deletérias,
os celeiros de novo se encherão.

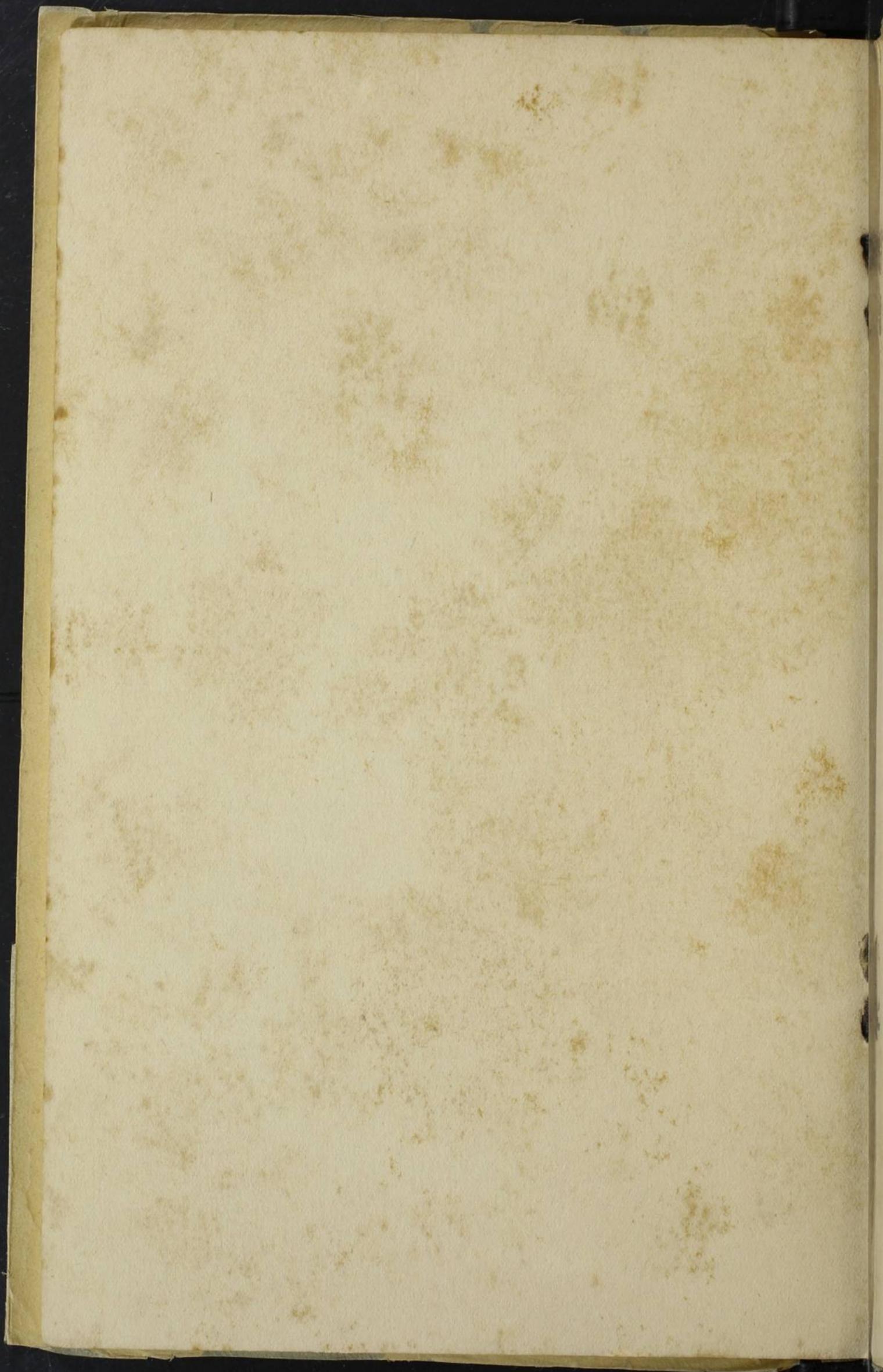
Mas o trigo abastoso dos celeiros
relembra o sangue, a vida,
os penosos momentos derradeiros
duma geração toda destruída...

Olhai! hoje o trigal é mais verde e mais forte!
O chão foi adubado a carne e sangue...
Que importa haja caído um exército exangue,
si deu a vida ao trigo tanta morte!

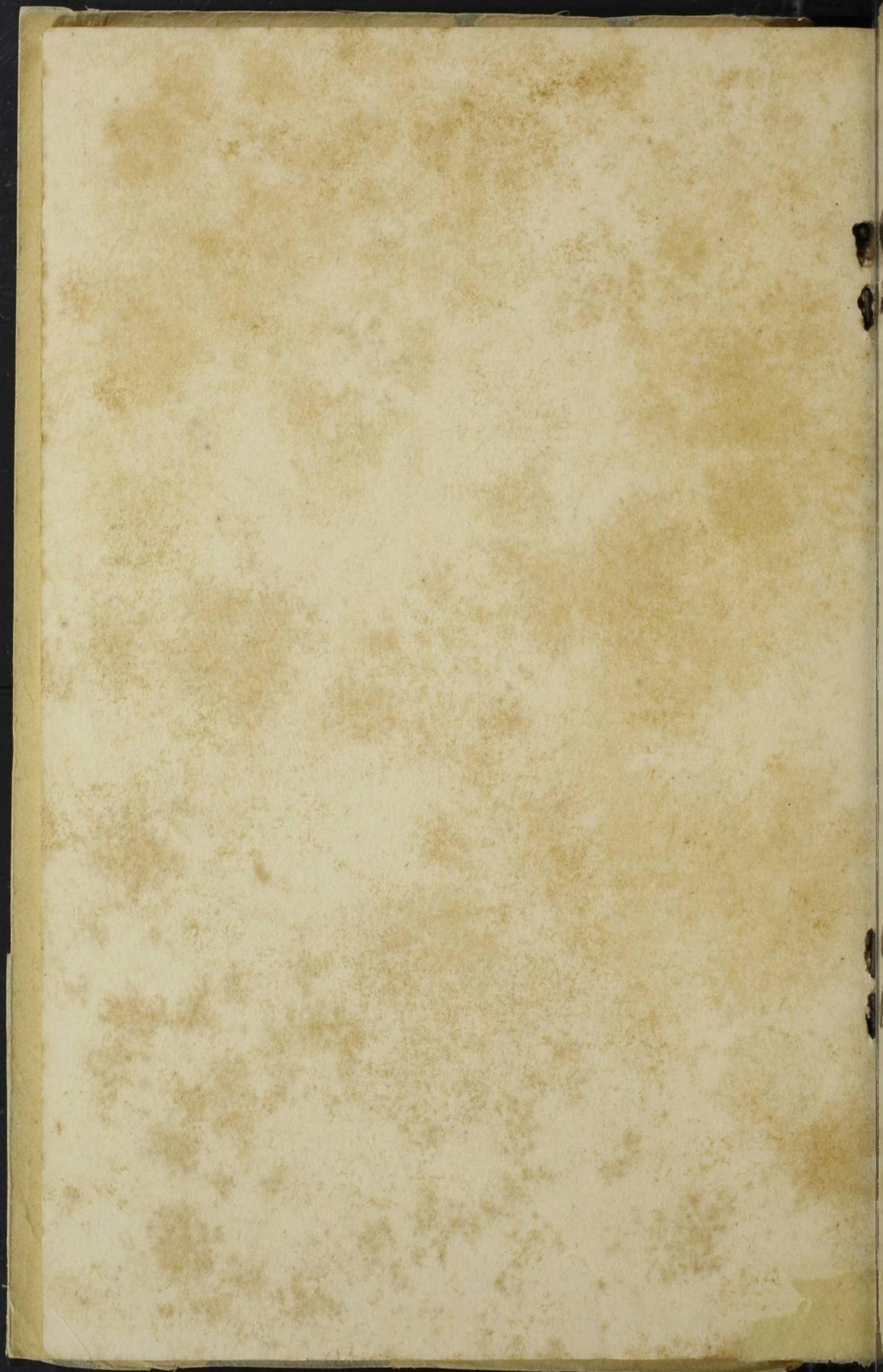
Êste é o trigo que é pão e alento!
Vós que matastes com luxúria e sanha,
vinde buscar o prêmio: é o alimento...
Ei-lo: em raudal, em nuvem, em montanha!

Este é o trigo que nutre e revigora!
E' para todos! Basta abrir as mãos!
Vinde buscal-o!... — Vamos ver agora,
quem comerá a carne dos irmãos!



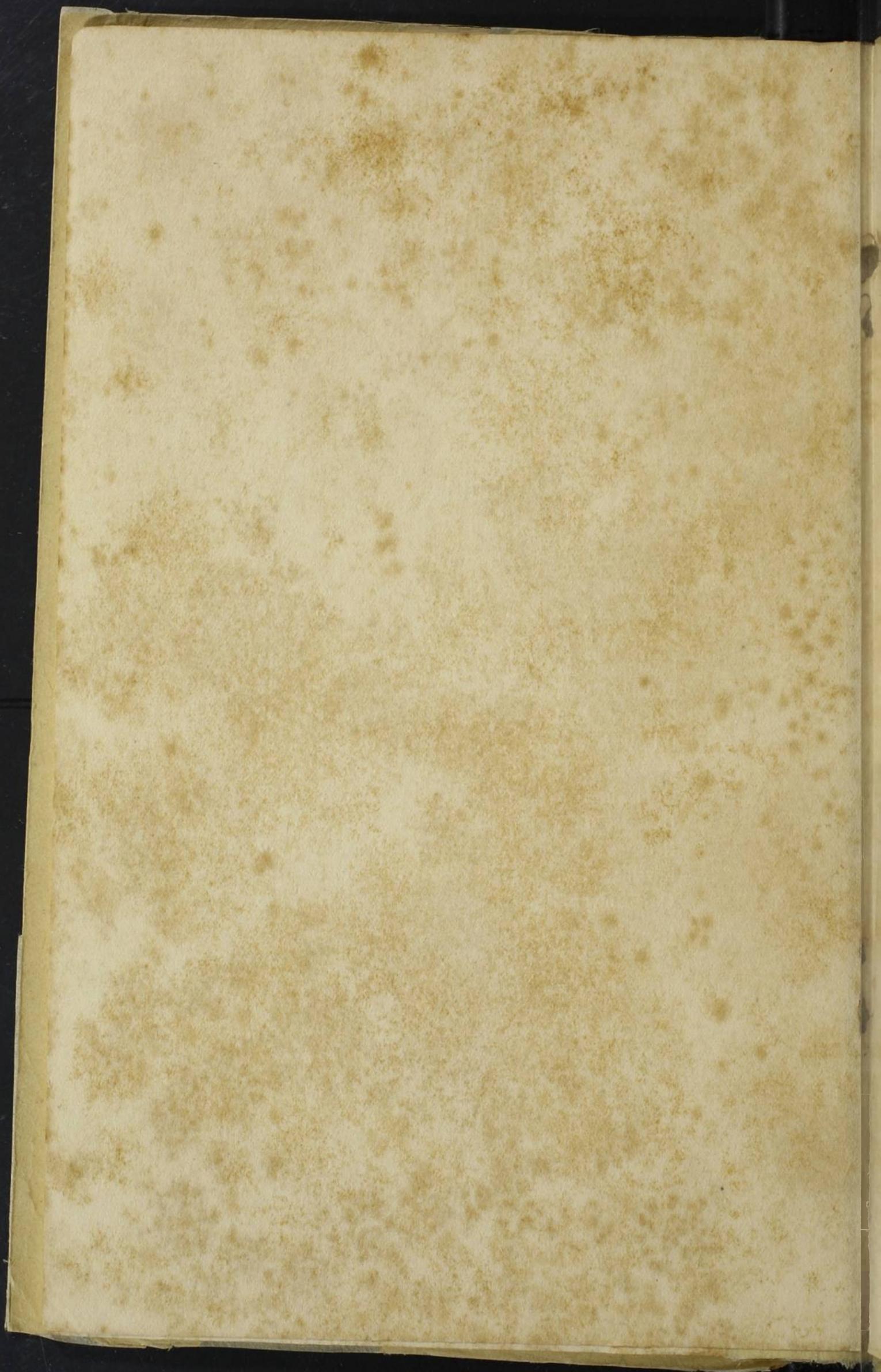


*Este livro é teu, Saudade
do lar; única fada que, es-
pero, concitará os homens ao
mútuo perdão, fazendo das
trincheiras e das arenas de
batalha a mais trágica das
solidões.*



INDICE

	Pag.
Biografia	3
Prefácio	5
Exaltação da Paz	7
Inverno.	13
Epitalâmio	15
Refrão de Obús	19
Primavera	21
Espasmo	23
Guilherme	27
Devastação	31
Natal	37
Lovaina	41
Os Carnivoros	43



19673

Explicação

O autor crê necessária esta pequena explicação. Êstes poemas foram compostos todos em Abril; e desde logo o autor quis dar-lhes a vitalidade de livro—antes de ter o desvairo dos idólatras atingido o nosso Brasil.

Hoje não ha mais o ontem em que fomos espectadores. Hoje tambem os versos seriam muito outros e mostrariam um coração que sangra e estua.

O autor nunca foi aliado. Chorava pêla França que o educara e pêla Bélgica que se impusera á admiração do universo. E permitia a cada um sua opinião... Agora, porém, êle se envergonha pêlos brasileiros que, tendo sido germanófilos um dia, mesmo após o insulto, continuaram de o ser.

Nem todas as nuvens de todos os tempos, reunidas em nosso ceu, propagariam uma treva igual á que lhes solapa a intelligência e o infeliz amor da pátria.

Ha por corrigir:

á pg. 5—«Police verso!» que ficará «Pollice verso!»;
á pg. 8—«corriscos» que não terá dois erres;
e á pg. 9—«desvairando matar» que ficará «desvairado matar».

19673

